
MINHA CASA É UM LIVRO ABERTO: A (DES) CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA MATERIAL BIOGRÁFICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO.

Kaliana Calixto Fernandes.
Mestranda do PPGH – UFRN.
Kfernandes_5@hotmail.com.

Situada no meio da avenida que leva o seu nome a casa onde Luís da Câmara Cascudo viveu por quase quarenta anos e produziu grande parte de sua obra é uma das mais antigas construções da área, que conforme ele mesmo relata numa carta endereçada ao folclorista pernambucano Sílvio Júlio, datada de 25 de julho de 1974, “é o derradeiro chalé residência familiar. Todos os demais desapareceram e são colégios, bancos, escritórios, lojas¹”. A casa foi construída em fins de 1900 pelo industrial o coronel Afonso Saraiva Maranhão. Em 1910, com a morte do coronel, a casa foi vendida ao juiz federal José Teotônio Freire, que nela residiu com sua família até o seu falecimento, em 1944. Logo a seguir, a casa foi alugada a um órgão ligado ao exército, e em 1947, devido ao seu mau estado de conservação, a viúva do juiz federal José Teotônio Freire, Dona Maria Leopoldina Viana, decidiu colocar a casa à venda, a qual foi imediatamente comprada pelo seu genro, Luís da Câmara Cascudo, que passou nela a residir com sua família até o dia do seu falecimento, 30 de julho de 1986.

A única a apresentar lambrequim, ornato de madeira na beira do telhado, elemento introduzido na arquitetura brasileira, presumivelmente, a partir da segunda metade do século XIX. Embora a fachada principal se apresente no alinhamento da rua, o acesso a casa é feito pela lateral, através de escadaria em granito desenhado. O piso é bastante elevado em relação ao nível da rua, sugerindo a existência de um porão, o que não se confirma. As janelas com sacadas trabalhadas, o piso assoalhado bem como o forro são provenientes de reformas posteriores a 1910. O frontão triangular, com óculo em forma de rosácea, a cornija e o arremate da empena pelo lambrequim, conferem um aspecto neoclássico à edificação reforçado pelas sacadas das janelas com guarda-corpo de ferro².

Todas as informações, citadas anteriormente, foram retiradas dos relatórios produzidos pela Fundação José Augusto, os quais integram o conjunto de documentos que compõem o pedido feito pela Fundação ao Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, de tombamento do imóvel. No pedido encaminhado pela Fundação visualizamos a existência de dois relatórios. No primeiro, foi feito um estudo minucioso da trajetória histórica do prédio, com a citação nominal de todos os seus antigos proprietários até chegar ao nome de seu atual proprietário, já no outro relatório encontramos uma análise técnica da casa, com a descrição detalhada de suas principais características físicas. No entanto, o que pesou, na decisão do relator do processo, o secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte,

Luiz Eduardo Carneiro Costa, que concedeu parecer favorável ao pedido feito pela Fundação, assim como, também, na justificativa dada pela própria Fundação para o encaminhamento do pedido, foi “a circunstância de nela se haver instalado, e a ela se haver incorporado, como em nenhum outro local, a presença do mestre ilustre, que honra as letras e a inteligência do Rio Grande do Norte³”.

Em fevereiro de 1990, através da portaria nº 045/90, a casa foi tombada. Em 1998, o jornalista Mauro César Carvalho, que veio a cidade de Natal, como enviado especial do jornal Folha de São Paulo, para produzir uma matéria sobre o centenário do nascimento de Câmara Cascudo, constata o abandono e o descaso do poder público estadual em relação à memória do “etnólogo que descobriu nas lendas e costumes do Brasil pré-moderno o encanto dos mitos brasileiros”.

No ano do centenário do seu nascimento, a ser comemorado, no próximo dia 30, Câmara Cascudo (1898-1986), porém está no limbo. A casa onde viveu foi tombada e abandonada. O memorial Câmara Cascudo, na mesma cidade, onde estão depositadas sua biblioteca de 15 mil volumes e 8.000 cartas, é uma espécie de lixão com estantes. Há poeira por todas as partes, pilhas de livros deteriorando num canto, cartas sem ordenação (...) O Sobrado (...) onde ele desejava que fosse um centro cultural, está fechado. Sua biblioteca, abandonada. Há um conflito ali que só o dinheiro pode resolver. O Memorial Câmara Cascudo, onde está a biblioteca, é público. Os livros pertencem à família Cascudo. Como o governo não tem dinheiro, nem interesse em comprá-la, a biblioteca está jogada às traças⁴.

Retomando a metáfora utilizada pelo jornalista Mauro César Carvalho, em 1998, para definir a situação precária em que se encontravam a casa e o memorial Câmara Cascudo, podemos afirmar que a memória de Câmara Cascudo graças ao empenho da sua família, hoje, se encontra no céu. No dia 30 de dezembro de 2009, data em que se vivo Câmara Cascudo fosse completaria 111 anos de vida, foi inaugurado o “Ludovicus” – Instituto Câmara Cascudo. O Instituto é uma associação civil, sem fins econômicos, e de duração indeterminada, que tem como sede a casa de Câmara Cascudo, transformada em museu pelo Instituto. Ele é presidido pela filha do folclorista potiguar, Anna Maria Cascudo e administrado por sua neta, Daliana Cascudo. O Instituto é uma instituição privada, que foi criado de maneira independente pela família Cascudo e com recursos, segundo a neta do folclorista potiguar, “incalculáveis”.

É preciso muito amor e muita teimosia para tocar um projeto como esse. Como diria vovô, alguém tem que ficar cuidando das coisas inúteis. As coisas dele são úteis demais⁵.

Numa entrevista dada a um jornal local a diretora do museu, Daliana Cascudo, explica que a inauguração do Instituto se trata na verdade de um sonho antigo da sua família iniciado em dezembro de 2004.

É um sonho muito antigo de nossa família. A nossa intenção é que se torne uma casa biográfica e que consiga ser um local de pesquisa (...) Começamos com o problema dos cupins. Uma casa que tem 109 anos, trocar todo o material mantendo a originalidade foi a dificuldade que encontramos. A casa toda é tombada e por isso não podíamos mexer sem colocar no lugar os mesmos materiais utilizados há 100 anos atrás⁶.

Em 2005, a casa se achava seriamente comprometida por uma infestação de cupins no seu telhado. Para solucionar este problema em dezembro do mesmo ano foi iniciada uma restauração. Além do novo madeiramento e telhado, foram recuperados os assoalhos e forros de madeira, as portas e janelas, os gradis de ferro e o piso de ladrilho hidráulico. Todo o acervo da biblioteca particular de Câmara Cascudo, que anteriormente se encontrava no Memorial Câmara Cascudo foi transferido para o Instituto, que anexo ao espaço da casa construiu um prédio com o propósito de abrigar adequadamente todo o acervo. E, anuncia, em dezembro de 2009, o que seria o primeiro grande projeto do Instituto que é a digitalização de todo o acervo de correspondências de Câmara Cascudo, composto por 15 mil cartas.

No futuro a gente vai fornecer material digitalizado como todas as instituições já trabalham seguindo o modelo da Biblioteca Nacional em que você consulta e pode ter uma cópia. O primeiro grande projeto é a digitalização da correspondência que é um material mais delicado⁷.

O processo de digitalização das cartas já foi iniciado e a sua conclusão está prevista para final do segundo semestre do ano de 2011. Conforme declaração dada pela neta do folclorista potiguar um dos objetivos principais do Instituto é que a casa onde seu avô viveu por quase quarenta anos se torne uma casa biográfica. Gilberto Freyre, numa coletânea de artigos publicados sobre a casa brasileira, a partir do que ele chamou de “complexo casa”, definiu a casa como um “lugar a partir do qual a existência se configura e se expande⁸”, cuja sua composição estaria marcada pela presença de “transobjetos”. É o quase místico chinelo de andar-se em casa, o relógio de parede que, não raro às vezes parava no momento exato de morte do dono da casa, pianos, sofás, cadeiras, álbuns de retratos, gamelas de banho, bacias de louça de lavar o rosto, panelas, pilões, espanadores, aparadores, enfim, objetos que estariam impregnados por uma espécie de mística brasileira, e que após a morte de seu proprietário manteriam intactos, como frascos de perfumes vazios, as fontes de velhos odores.

Para Freyre, há “uma engenharia da própria casa com uma parafernália constituída por toda uma multidão de objetos úteis à vida da casa quando casa viva; e arqueologicamente valiosa para a compreensão da casa quando casa morta⁹”. Essa idéia de que a casa mesmo após a morte de seu proprietário permaneceria impregnada por uma essência “imutável”, também, aparece no discurso produzido pelo Instituto.

A casa está impregnada não apenas de lembranças familiares e amigas, mas também de uma vida dedicada ao saber e a cultura do nosso estado e do nosso país. Nela Cascudo produziu, sozinho, uma obra inigualável, não apenas no volume de sua produção como também na amplitude dos seus temas, fazendo com que o Brasil se conheça através de sua diversidade cultural¹⁰.

Porém, conforme nos explica o professor Ulpiano Menezes, o artefato neutro, asséptico, é ilusão, pelas múltiplas malhas de mediações internas e externas que o envolvem, no museu, desde os processos, sistemas e motivos de seleção (na coleta, nas diversificadas utilizações), passando pelas classificações, arranjos, combinações e disposições que tecem a exposição, as expectativas e os valores dos visitantes. Enfim, “os contextos institucionais típicos, em particular a exposição museológica, ressemantizam o objeto profundamente, depositando crostas de significados que se cristalizam em estratos privilegiados, em detrimento dos demais¹¹”. Numa perspectiva foucaultiana, o que nos interessa investigar não é a transferência do objeto pessoal para o espaço público, mas o controle dos significados que tal transferência implica. No museu Casa de Câmara Cascudo a disposição, o contexto e a configuração espaço-temporal dos móveis, objetos, fotografias constroem uma determinada memória biográfica, que nos diz o modo como Câmara Cascudo, agora, rebatizado pelo Instituto com o nome de Ludovicus, deve ser lembrado. Mais que representações de trajetórias pessoais, os objetos funcionam como vetores de construção de subjetividade. O que pretendemos, nesse artigo, é realizar uma leitura biográfica de Câmara Cascudo a partir do espaço da sua casa, hoje, transformado em museu, com o propósito de pensarmos, não só, o modo como se dá o processo de gestão e produção da memória biográfica oficial de Câmara Cascudo através da análise do discurso museológico biográfico produzido pelo Instituto, mas também, refletir sobre a participação do próprio Câmara Cascudo no processo de transformação da sua casa num espaço de culto a sua memória, já que a idéia de criação do Instituto foi um desejo manifestado ainda em vida pelo escritor potiguar.

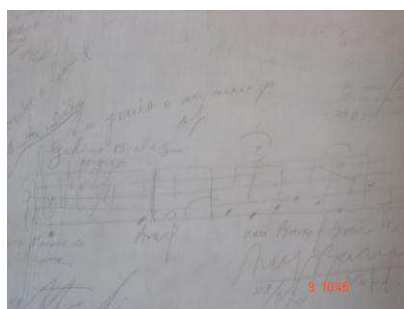
No museu Casa de Câmara Cascudo o deslocamento do visitante é controlado, acompanhado, por um guia, e obedece a um único roteiro, onde são repetidas basicamente, segundo nos informou um dos guias da instituição, as informações contidas no folder de divulgação da casa. Aliás, não só o conteúdo, como também, a ordem de apresentação dos cômodos, segue a mesma sequência apresentada pelo folder. O quadro funcional do Instituto é composto por três guias, sendo apenas um deles com formação em nível superior, as outras duas tem apenas o nível médio. O guia com o nível de instrução mais elevado, é graduado em História, pela UFRN, e contrariando o que havia sido afirmado anteriormente nos conta que o roteiro não segue uma estrutura tão rígida, e que ele varia conforme o tipo de visitante se é um grupo de crianças, um universitário ou turistas em geral. Para essa leitura o folder produzido e distribuído pelo Instituto às pessoas que visitam a casa será utilizado como o nosso principal documento, que aliado as fotos, as entrevistas e os livros de memória escritos não só por Câmara Cascudo, mas, também, por familiares e amigos do escritor potiguar nos auxiliarão no processo de (des) construção da narrativa material biográfica de Câmara Cascudo.

O percurso se inicia com a apresentação da sala de entrada.



É também denominada de “sala de piano”. Adornam as paredes fotografias de amigos ilustres de Cascudo, além de fotografias da família e alguns diplomas. No mobiliário, destaque para o conjunto de jacarandá entalhado que pertenceu a Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, fundador da República no Rio Grande do Norte, que foi presenteado ao coronel Francisco Cascudo, pai de Cascudo.

A seguir, somos encaminhados à biblioteca, seguramente, o maior espaço da casa, composto por uma sala principal e duas salas menores, tendo sido estas duas últimas salas convertidas em “espaço das coleções”, já que todo o acervo particular de Câmara Cascudo foi removido para o pavilhão Dália Freyre.



BIBLIOTECA - Este ambiente abrigava a biblioteca particular de Cascudo, composta por 10.000 volumes, além de 15.000 correspondências, 2.000 periódicos, 1.700 separatas,



1.200 plaquetes, 2.000 fotografias, 1.000 artigos de jornal e diversos documentos, que agora estão no pavilhão Dália Freyre Cascudo. Uma curiosidade muito peculiar são suas paredes repletas de autógrafos de inúmeros visitantes ilustres da casa tais como: Juscelino Kubitschek, Gilberto Freyre, Ary Barroso, Procópio Ferreira, Dorival Caymmi, Bárbara Heliadora, Mário de Andrade, Luiz Gonzaga, Jararaca e Ratinho, Malban Tahan, Eva Todor, Monteiro Lobato, Djalma Maranhão, Waldemar Henrique, João Café Filho, Rui Barbosa (fotografia autografada com o texto “ao meu bom amigo Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1941.”). Sylvio Piza Pedroza e do compositor Heitor Villa-Lobos (fotografia com este autógrafo: “Uma boa testa para levar um Cascudo amigo”, datado de 10/06/49).

ESPAÇO DAS COLEÇÕES - Durante toda a sua vida, Cascudo acumulou preciosas coleções, a maior parte dela presenteadas por amigos ou adquirida em viagens. Dentre estas coleções salientamos: arte popular brasileira e estrangeira, arte sacra, etnografia africana, etnografia indígena, comendas, pinacoteca e mobiliário.

A seguir, somos encaminhados à sala de visitas.



Sala principal da Casa, onde se destacam o mobiliário de época, totalmente restaurado, além da imensa pinacoteca, composta por telas (óleos) e gravuras de artistas plásticos renomados, além de fotografias de família. Salientam-se obras de autoria de Moura Rabello, Amaral, Dorian Gray, Lula Cardoso Ayres, Maria do Santíssimo, Moacir Andrade e Newton Navarro.

Em seguida, o visitante conhece o quarto do casal.



Espaço privativo do casal Luís-Dália, onde podemos apreciar fotografias de seus filhos e netos, além de oratório e móveis de época. Uma curiosidade é que Cascudo não dormia na cama, mas em uma rede, que ficava armada somente durante a noite.

Os dois últimos cômodos apresentados são os quartos: da filha e netas; e do filho e neto.



QUARTO DA FILHA E NETAS - Inicialmente foi o quarto de sua filha Anna Maria, e posteriormente das netas, Daliana e Camilla, que moravam na casa. Nele estão fotografias dos netos e mobiliário de época.



QUARTO DO FILHO E NETO - Quarto do filho, Fernando Luís, e posteriormente do neto Newton. O mobiliário retrata a simplicidade em que vivia a família Cascudo.

O roteiro aponta ainda a existência de mais três cômodos: a cozinha, o pavilhão da administração e o pavilhão Dália Freyre, sendo estes dois últimos prédios anexos construídos para abrigar respectivamente as salas de administração e o acervo bibliográfico de Câmara Cascudo. Embora, citados pelo folder, os três espaços estão fora do roteiro de visita proposto pelo Instituto. Ao confrontarmos as informações do material de divulgação da casa com a narrativa oral construída pelos guias percebemos que em relação a alguns

ambientes são feitos alguns acréscimos por parte dos guias, detalhes que reforçam o discurso museológico biográfico produzido pelo Instituto. Por exemplo, diante da porta de entrada da casa, ainda com as grades fechadas, o guia chama à atenção do visitante para o século em que a casa foi construída e para a reprodução no chão à frente da porta de entrada da casa do símbolo republicano, o que segundo o guia era uma característica comum das construções da época, o proprietário devia criar marcas em seu imóvel de modo a evidenciar a sua adesão ao partido republicano. Argumentos que sustentam a idéia que será anunciada logo a seguir pelo guia, que compara a casa a um livro “aberto” de história.

Porém, diferente de um livro de história em que prevalece a perspectiva temporal como um elemento indispensável para a produção do conhecimento histórico, a partir da análise discursiva da narrativa material biográfica de Câmara Cascudo observamos que informações consideradas básicas, tais como, as datas de nascimento, de falecimento, de formatura, de casamento, que estão normalmente presentes no processo de construção desse tipo de narrativa, foram simplesmente omitidas pelo Instituto. Desse modo, a narrativa material biográfica de Câmara Cascudo não foi organizada segundo uma ordem cronológica, que é também, lógica, marcada por uma idéia de começo, meio e fim. Acreditamos que a ausência dos marcos temporais, assim como, também, a ausência de um discurso biográfico em relação aos objetos expostos na casa, que evidencie a relação afetiva de seu proprietário com os seus objetos, nos fazem pensar na idéia de que o discurso museológico biográfico constrói a narrativa biográfica de um monumento, não de um homem. E, o monumento nasce para o que é. O que justifica a ausência dos marcos temporais, que constroem a idéia de trajetória. O que nos mostra uma peculiaridade da biografia de Câmara Cascudo. Um homem que se tornou ainda em vida o monumento da cidade de Natal, e sua casa foi transformada em lugar de peregrinação de estudantes, intelectuais, artistas e políticos.

Outro elemento que reforça a idéia da casa biográfica de um monumento, diz respeito ao modo como os objetos são manipulados e expostos pelo museu. Os objetos pessoais de Câmara Cascudo, tais como, o seu chapéu, os seus óculos, e o seu inseparável charuto, que ele só abandonaria perto de sua morte, após terem sido devidamente catalogados e classificados pelo museu como pertencentes a coleção de objetos pessoais, quando são expostos, o que ocorre em média a cada dois meses, são organizados em estantes, sem a preocupação de se criar um vínculo que ligue esses objetos ao seu proprietário. Numa entrevista concedida, em 1976, a Carlos Lyra, o escritor potiguar aponta e descreve o caráter especial dos objetos que

compõem o espaço da sua biblioteca. E, o primeiro objeto apontado pelo escritor potiguar foi uma cadeira, que segundo ele teria pertencido ao seu pai.

Junto à janela, a velha poltrona do meu pai, onde ele costumava sentar, feita ainda na antiga tração Força e Luz, pelos operários. Quando ele faleceu, em 1935, meu sogro passava longas temporadas em nossa casa, na praça sete de setembro, onde faleceu, numa casa que não existe mais. A poltrona passou a ser do meu sogro, e hoje minha, onde faço a revisão nas idéias mais atrevidas, acomodando-as ao diário¹².

A cadeira permanece “intacta” no mesmo lugar, porém, aquela que foi companheira de seu pai, depois seguiu ao lado do seu sogro, e por fim o ajudou na revisão das suas idéias mais atrevidas, hoje, ao que parece, sem ter com quem conversar, vive na solidão. O guia da casa não conhece a sua história, e as pessoas a olham com curiosidade, mas, ninguém se aproxima. Não é permitido tocá-la, nem tão pouco, se sentar nela. Isolada. Ela vive das lembranças do dia em foi apenas uma cadeira. Teríamos, ainda, muitas outras considerações a realizar em relação ao modo como foi montada a exposição museológica pelo Instituto, como, por exemplo, a excessiva quantidade de fotos distribuídas ao longo das paredes da casa, os autógrafos inscritos nas paredes, janelas e portas da biblioteca, mas, para esse momento, levantamos apenas alguns pontos a fim problematizar a idéia dos objetos, enquanto, portador de sentido, mostrando que ao serem selecionados, catalogados e expostos pelo Instituto vão se depositando sobre eles novas camadas discursivas, que os ressignificam, e, simultaneamente, a vida de quem eles representam.

¹ VASCONCELLOS, Francisco. **Câmara Cascudo do Potengi ao Piabanha**. Natal: Petrópolis, 1989. p. 172.

² Processo nº 03/89 CEC / RN, pág. 03. Localizado no Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto. Natal/ RN.

³ Parecer nº 06/ 89 – CEC/RN. pág. 05. Localizado no Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto. Natal/ RN.

⁴ CARVALHO, Mauro César. Alegres Trópicos – No próximo dia 30 comemoram-se os cem anos de nascimento de Luís da Câmara Cascudo, o etnólogo que descobriu nas lendas e costumes do Brasil pré-moderno o encanto dos mitos brasileiros. **jornal A Folha de São Paulo**. São Paulo, dezembro de 1998.

⁵ FERRET, Michelle. Uma casa biográfica. **jornal Tribuna do Norte**. Natal, 30 de dezembro de 2009.

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Ibidem*.

⁸ FREIRE, Gilberto. **Oh de Casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas sociais, 1979. (Série estudos e pesquisas, 13). p. 19.

⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰ Trecho retirado do texto de abertura do site www.cascudo.org/instituto Disponível em: 20 de junho de 2010.

¹¹ MENEZES, Ulpiano T Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.11. 1998. p. 98.

¹² CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. Entrevista concedida a Carlos Lyra. Natal, 06 de dezembro de 1976.
In: Cascudo e sua biblioteca. p. 59.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELGADO, Andréia Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias.** Campinas, 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas.

FREIRE, Gilberto. **Oh de Casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem.** Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas sociais, 1979. (Série estudos e pesquisas, 13).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 13ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MENEZES, Ulpiano T Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, Nova Série, São Paulo, v.2, p. 9-42, 1994.

_____. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.11, p. 89-103, 1998.